

ABRAÇAR
A VULNERABILIDADE
NO CAMINHO
SINODAL



UNIÃO INTERNACIONAL
DAS SUPERIORAS GERAIS

www.uisg.org

Vulnerabilidade como missionária

Irmã Anne Falola, OLA

Ir. Anne Falola é Irmã missionária de Nossa Senhora dos Apóstolos (OLA). Ela tem Bacharelado Educação: Orientação/Aconselhamento e Mestrado em Espiritualidade Cristã pelo Heythrop College, University of London. Suas áreas de atuação missionária incluem: ensino, trabalho pastoral e social, diálogo inter-religioso e animação missionária. Ela trabalhou na Nigéria, seu país de origem, na Argentina e brevemente no Reino Unido. Atualmente é Conselheira Geral em sua Congregação e reside em Roma.

Introdução

A vulnerabilidade é uma qualidade fundamental de toda missão cristã autêntica, porque somos chamados a seguir Cristo, *'que, sendo em forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus como algo a ser explorado, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo...* (Filipenses 2,6-8). A Kenosis de Cristo faz da *vulnerabilidade um modo de ser missionário* e um importante meio para a missão. O dicionário explica *vulnerabilidade como estar exposto à possibilidade de ataque ou dano, seja físico ou emocional*. A vulnerabilidade de Cristo não foi imposta; é uma condição que Ele assumiu voluntariamente, desde seu nascimento na manjedoura como um bebê indefeso até sua morte na Cruz como um criminoso comum. Convido-nos a ter em mente qualquer um dos numerosos ÍCONES do Cristo vulnerável enquanto compartilho esta reflexão.

Abordo esta reflexão considerando dois aspectos da vulnerabilidade vivida pelos missionários. A primeira é o que chamo de *vulnerabilidade a partir de cima*, que defino como a decisão de esvaziar-se do poder e da honra que se possui legitimamente; contradiz nosso desejo inato de manter o poder, dominar e triunfar. A segunda, que chamo de *vulnerabilidade a partir de baixo*, é um convite para abraçar nossa condição humana em suas feridas, fragilidades, limitações, pecaminosidade e imperfeições. Enquanto a experiência da

pandemia trouxe a fragilidade da família humana para perto de todos, só podemos transformar a dor trazida pela pandemia quando juntos aprendemos a abraçar as duas formas de vulnerabilidade. A primeira é algo que devemos deixar de lado para seguir a Kenosis de Cristo, enquanto a segunda é uma realidade imposta a nós por nossa condição humana que aprendemos a **abraçar para a transformação**.

Gostaria de compartilhar esses dois níveis de vulnerabilidade em minha própria vida de mulher, consagrada para a Missão *ad gentes ad extra*. Isso implica um movimento geográfico para terras e povos de outras culturas. Implica também um movimento para a periferia existencial, como enunciado pelo Papa Francisco na *Evangelium Gaudium*, convidando a Igreja a ir a todas as periferias humanas onde as pessoas sofrem exclusão e experimentam diferentes formas de privações desumanizantes como resultado da desigualdade econômica e do empobrecimento, injustiça social e degradação ambiental¹. Esta missão *ad gentes* na perspectiva existencial é um apelo urgente para todos nós, consagrados no mundo de hoje.

O apelo do Papa Francisco ao Processo Sinodal é, em última análise, um apelo renovado à missão, mas não da posição de poder e autoridade até então mantida. É um convite a uma *Igreja sinodal em comunhão, participação e missão*. Isso não pode ser alcançado sem aceitar e abraçar nossa vulnerabilidade. Para nós como missionários, a vulnerabilidade é uma vantagem para a missão, e não um fardo; porque nos permite entrar mais profundamente na realidade humana através da nossa própria participação no que é fraco, oprimido e pobre. Quando abraçamos nossa própria vulnerabilidade, nos aproximamos das pessoas que precisam de luz e libertação. Talvez a caminhada mais exigente para nós como discípulos-missionários não seja a distância física que percorremos, mas a caminhada interior para deixar nossas seguranças e abraçar nossas próprias vulnerabilidades. Não somos mestres construtores como diz Oscar Romero, e somos curadores feridos de acordo com Henri Nouwen.

A Nova Primavera da Missão – Reciprocidade

O pedido que recebi foi para falar sobre **Vulnerabilidade como Missionária**, especificamente a partir de uma perspectiva africana. Agradeço às organizadoras da Plenária da UISG por incluir a África, continente que até pouco tempo atrás era considerado APENAS o receptor do impulso missionário da Igreja. Minha caminhada missionária foi muito enriquecida pela diversidade de culturas e realidades na Nigéria, meu país de origem, assim como na Argentina, meu país de missão, onde morei por onze anos. Também foi marcada pelo meu estudo e interação na Europa. Aproveito a oportunidade para agradecer à minha Congregação, as Irmãs de Nossa Senhora dos Apóstolos, por me darem a oportunidade de realizar meu sonho missionário além da minha imaginação!

A África é, às vezes, chamada de “jardim da Igreja no século 20”, por causa do fascinante crescimento da Igreja no continente africano nos séculos 19 e 20. Esta era de ouro do cristianismo na África se manifesta de muitas maneiras, e a mais palpável é o aumento do número de cristãos e instituições da Igreja; por exemplo, de cerca de 4 milhões de cristãos

¹Dois documentos tratam amplamente dessa perspectiva de Missão: na *Evangelium Gaudium* (2013) e na *Laudato Si* (2015). Esses dois documentos dão o tom do pontificado de Francisco.

professos em 1900, o cristianismo africano cresceu para mais de 300 milhões de adeptos no ano 2000².

Uma das implicações disso é que não há mais exclusivamente países que enviam para missões ou exclusivamente países que recebem missões; todos damos e recebemos, mutuamente. Essa mudança afeta a dinâmica do poder, pois todos somos vulneráveis em um aspecto ou em outro. A geografia da missão mudou! Graças a Deus, a missão cristã está agora divorciada de seu vínculo histórico com a colonização e a ocidentalização. As últimas três décadas foram particularmente agitadas a este respeito, especialmente com o documento missionário inovador, *Redemptoris Missio* por São Papa João Paulo II em 1990. Citando os bispos latino-americanos, em Puebla, João Paulo reforçou esta nova visão de missão em que todos os povos e todas as Igrejas locais, mesmo das nações mais pobres, são chamadas e encorajadas a responder à vocação missionária específica ad gentes, ad extra – projetada para além das fronteiras. Os Bispos latino-americanos afirmaram: *embora nós mesmos tenhamos necessidade de missionários, devemos dar de nossa própria pobreza*³.

Esta afirmação, repetida por João Paulo, definitivamente deu energia aos missionários da África e, imagino, de todo o hemisfério sul para responder com generosidade à vocação missionária. Muitas vezes me perguntaram por que os africanos se incomodariam em sair de seu continente como missionários com a miríade de problemas que temos. A isso respondo que o chamado à missão NÃO é uma rivalidade de auto-suficiência, à qual só podem responder aqueles que são fortes e não têm problemas. Essa tendência excludente é problemática porque associa missão com poder, influência política, riqueza material, colonização e dominação. Como missionária africana me vejo chamada a mudar essa narrativa, trazer novidade, simplicidade e energia despojada de poderes econômicos e políticos.

Sei que muitos de nós discordariam de mim de que estamos vivendo uma *nova primavera de missão*, porque muitos de nós estão tendo cada vez menos entrada de membros jovens e cada vez mais membros que envelhecem. Mas lembre-se que estou escrevendo a partir de uma perspectiva africana! Estamos apenas começando a nascer!! Por exemplo, no ano passado, minha Congregação abriu duas novas missões, uma na Libéria e outra na República Centro-Africana; são comunidades internacionais e interculturais de Irmãs provenientes do Togo, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana e Nigéria. Para nós, a missão *inter-gentes*⁴ está apenas começando, com suas belezas e desafios.

²Baur, John, 2000 Anos de Cristianismo na África: Uma História Africana, Nairóbi 2009; De Gruchy, John, The Church Struggle in South Africa, Londres 2005; Gray, Richard, Cristãos Negros e Missionários Brancos, New Haven 1990; Groves, Charles P., The Planting of Christianity in Africa, Londres 1958; Hastings, Adrian, A Igreja na África, 1450–1950, Oxford 1994; Isichei, Elizabeth, A History of Christianity in Africa, Londres 1995; Sanneh, Lamin, Cristianismo da África Ocidental: O Impacto Religioso, Londres 1983; Shaw, Mark, The Kingdom of God in Africa: a short history of African Christianity, Grand Rapids 1996.

³Ioannes Paulus PP. II, *Redemptoris Missio* - Sobre a validade permanente do mandato missionário da Igreja, 07.12.1990, nº 64.

³Ioannes Paulus PP. II, *Redemptoris Missio* - On the permanent validity of the Church's missionary mandate, 1990.12.07, No 64.

⁴A "missio inter-gentes" que foi desenvolvida pela Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) é uma abordagem missionária, aplicável em todos os contextos, que vê a "gentes" não como objeto de nosso esforço de conversão, mas como " convidados" a quem podemos oferecer hospitalidade e "amigos" que podem, com o tempo, receber-nos e oferecer-nos amizade. 'inter' significa entre outras culturas e religiosos. É uma abordagem missionária que precisa ser mais explorada na missiologia africana

Tomar consciência da minha própria vulnerabilidade

Embora a vulnerabilidade seja vital para a missão, não é fácil. Os missionários que conheci na infância não eram considerados homens e mulheres vulneráveis. Minha vocação missionária foi inspirada pelas missionárias irlandesas que em minha terra natal, pioneiras em iniciativas de educação, saúde, pastoral e fronteiras sociais, eram amadas e muito respeitadas. No entanto, minha noção de ser aquela missionária heróica admirada por todos, de repente caiu! Quando saí da África em 1994, percebi que não fui recebida como missionária; em vez disso, eu era considerada uma trabalhadora migrante que tinha vindo em busca de uma vida melhor. Meu desejo de doação total foi abalado quando muitas vezes fui atingida pelo fato de que se acredita que uma pessoa africana tem pouco a oferecer. Percebi que para muitos fora da África, o continente só estava associado à pobreza, guerra, violência, desordem, vida primitiva, doenças, guerras étnicas, agitação política e corrupção. Embora essas realidades não possam ser negadas, a África também é uma terra de promessas, por sua vida vibrante, resiliência, juventude, amor à comunidade, hospitalidade, generosidade e religiosidade. Como missionária da África, aprendi a abraçar essa vulnerabilidade que os preconceitos me impõem, enquanto humildemente assumo a dignidade de mudar a narrativa. Somos todos vítimas da *síndrome da história única*, construída com base nos preconceitos dos outros sobre nós. Todos carregamos o fardo de nossas identidades e isso se torna mais evidente quando saímos de nosso próprio meio, somos afetados pelo julgamento dos outros. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie articulou lindamente: *Não é que a história única não seja verdadeira, mas não é a única história*⁵. Como missionários, temos que aprender a abraçar nossa vulnerabilidade, não construindo sobre os preconceitos da imprensa popular e permanecendo à vontade tanto com as luzes quanto com as sombras de quem somos.

Hoje, com a proliferação da mídia, as pessoas são rápidas em nos lembrar do lado sombrio de nossa própria história como Igreja. Por exemplo, nossa conformidade com quatrocentos anos de tráfico de escravos, alguma aliança com a colonização, nosso silêncio sobre discriminação racial e apartheid, nossa tolerância a estruturas injustas e nosso próprio encobrimento de injustiças e abusos dentro de nosso sistema. Tudo isso enfraquece nosso poder de testemunho e nos torna vulneráveis quando nos propusemos a ser a voz moral no mundo.

⁵https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en

Instâncias de Vulnerabilidade Missionária – Perspectiva Africana

Ser missionário hoje é a nossa abertura para trabalhar com os outros para construir uma nova humanidade; os missionários são homens e mulheres de comunhão. Nossas tendências como Igreja de manter nossas posições e desprezar as contribuições de outras pessoas tiveram que dar lugar ao reconhecimento das verdades dos outros. A missão hoje é *inter-gentes* – entre as pessoas de outras religiões e culturas, é um apelo renovado para escutar os outros com respeito e não com auto-engano arrogante. Estas são algumas das situações que nos tornam mais vulneráveis hoje:

- **O espaço do ‘Nada’** – No esforço de adaptação às circunstâncias da missão, há um período de transição que envolve adaptação emocional, psicológica, social e, por vezes, física e linguística. No ponto de entrada para uma nova missão, é preciso deixar o passado (isso pode incluir status afetivo e profissional) e abraçar uma nova realidade. Um missionário é como uma criança que tem que aprender em um ambiente desconhecido com muitas incertezas. Esses movimentos da realidade conhecida onde estamos no controle para a desconhecida onde somos dependentes nos tornam vulneráveis e exigem muita humildade, mas que em última análise podem nos transformar como Jonas foi transformado após sua missão aos ninivitas.
- **Falta de antecedentes missionários:** Vindo da África, muitos de nós somos provavelmente a primeira geração de missionários de nossas comunidades. As expectativas não são claras e, em muitos casos, nossos modelos missionários vêm de outras culturas. Temos a difícil tarefa de estabelecer estruturas que possam sustentar e manter nossa vocação missionária – dar e receber. Encontramo-nos escrevendo um novo roteiro, percorrendo caminhos inexplorados e às vezes mal equipados para a tarefa. Por exemplo, são poucos os programas missionários preparatórios, de renovação e sabáticos que levam em consideração a realidade africana. Isso levou algumas Congregações internacionais a estabelecer alguns centros de renovação na África⁶. A missiologia africana não está totalmente desenvolvida para responder aos desafios emergentes. Usamos modelos ocidentais que colocam os não-europeus em desvantagem, porque atravessamos barreiras culturais duplas - a cultura ocidental e a cultura de acolhimento.
- **Os missionários hoje são uma minoria vulnerável:** Nas últimas décadas, religiosos e missionários em áreas de evangelização primária foram uma força importante na sociedade. Eles foram respeitados por suas contribuições para a educação, saúde e empoderamento de todas as formas. Em muitos casos, eles determinaram os padrões, estabeleceram as regras e estabeleceram normas aceitáveis, às vezes com pouca consideração pelas culturas locais. Hoje, em quase todas as partes do mundo, os missionários são minorias, somos como remanescentes dentro da sociedade, sejam europeus na África, Ásia, Pacífico ou nas Américas, ou africanos em outros continentes. Hoje, existem tendências anticristãs e às vezes xenófobas, que visam parcialmente os missionários. Com números reduzidos, os missionários são uma espécie em extinção.

⁶O Programa Intercongregacional de Formação Permanente (ICOF) é uma dessas iniciativas. Criado por 5 Congregações, osite é: <http://icofprogram.org/wp-content/uploads/2018/09/Arusha-2019-registration-form.doc>

- **Insegurança e Violência:** A violência em curso e a segurança global aumentaram a vulnerabilidade dos missionários que muitas vezes são vítimas de sequestro, tortura e assassinatos horríveis; a experiência da querida Ir. Gloria, uma missionária franciscana colombiana que foi mantida refém no Mali por mais de 4 anos ainda está fresca em nossas mentes. Centenas de milhares de missionários de todas as raças vivem em áreas de alto risco, que muitas vezes apresentam a difícil decisão de deixar a missão ou permanecer em perigo. De acordo com a Agência de Notícias Católica do Vaticano, vinte e dois missionários católicos foram mortos em todo o mundo em 2021, metade deles na África⁷ (os assassinados incluem missionários de outros continentes que trabalham na África). O mesmo relatório afirmou que de 2000 a 2020, 536 missionários foram mortos em todo o mundo. Missionários religiosos e leigos e agentes pastorais são muitas vezes mortos não apenas por ódio aos religiosos, mas por várias razões políticas e econômicas, por exemplo, criminosos em busca de tesouros inexistentes ou atraídos pela miragem de resgates fáceis ou para silenciar vozes desconfortáveis. É realmente desafiador discernir a resposta adequada às negociações com os criminosos. A difícil escolha de não nos submetermos passivamente ao regime maligno, enquanto defendemos os princípios da não violência, é um dilema moral que nos torna mais vulneráveis, e as pessoas violentas continuam a exercer seu poder maligno.
- **Desafios de financiamento:** A insustentabilidade financeira de muitos projetos missionários ficou mais evidente durante a pandemia devido à redução do financiamento estrangeiro e local. A preocupação com a sustentabilidade gera tensão entre o atendimento aos pobres e os projetos geradores de renda. Os carismas de muitas Congregações sofrem no altar de ter projetos auto-sustentáveis. Esta dependência financeira nega aos missionários a liberdade de discernir e escolher projetos que correspondam verdadeiramente ao seu carisma, pois *“aquele que paga o flautista... dita a melodia”*.
- **Vulnerabilidade Profética:** Como profetas, às vezes devemos perturbar o status quo e questionar o abuso de poder por parte dos líderes políticos e às vezes religiosos. Os injustos sistemas sociopolíticos, culturais e econômicos da maioria dos países africanos podem estar enraizados em suas próprias práticas culturais, mas também houve aqueles instalados ou reforçados pelos sistemas coloniais cujo objetivo principal era subjugar as massas. Temos governos e às vezes Igrejas locais que não compartilham a dor de seu povo, carentes de compaixão e sensibilidade. Nós, como religiosos, muitas vezes somos culpados de abuso de poder e abuso espiritual da fé e confiança de nosso povo; nesta situação, exigimos o auto-esvaziamento de Cristo para abrir mão de nossos privilégios e abraçar a vulnerabilidade profética.
- **A interface entre a cultura Africana e o Cristianismo:** Existem muitas áreas de convergência entre as culturas africanas e o cristianismo, mas também existem áreas de tensão que requerem discernimento contínuo. Por exemplo, a cultura africana dá muita ênfase ao respeito pelos mais velhos e à submissão à autoridade. Isso pode levar a um relacionamento abusivo quando os líderes podem se tornar ditatoriais e insensíveis. Como as crianças e os jovens não falam na frente dos anciãos, os líderes africanos podem ter mais dificuldade em ouvir e deixar-se desafiar por aqueles a quem são chamados a servir. Da mesma forma, isso pode reduzir a voz das mulheres e das

⁷Alejandro Bermudez, Denver Newsroom, Dez 30, 2021 - catholicnewsagency.com/news/249997/agência do Vaticano revela número de missionários assassinados no mundo em 2021

peças menos influentes a um murmúrio silencioso e às vezes um gemido pela vida. Não estamos sozinhos nesta luta, é a forma como a nossa Igreja operou durante séculos e a cultura africana está muito à vontade nesta estrutura. Esta pode ser a razão pela qual o apelo por uma Igreja sinodal exigiria muitas camadas de reflexão na realidade africana.

Conclusão

Esta reflexão terminará com o *ÍCONE de Jesus e da mulher samaritana*. De acordo com o estudioso do Antigo Testamento e teólogo protestante americano, Walter Bruggeman, a história do encontro de Jesus com a mulher samaritana é um encontro entre duas pessoas vulneráveis. A história começa com as duas pessoas em uma situação de necessidade e vazio. *Jesus estava em uma situação de vulnerabilidade*, com necessidades mais explícitas: estava com fome, com sede, sem jarra para tirar água, cansado da longa viagem e um estranho precisando de ajuda (Jo 4,6). A *necessidade e o vazio da mulher estavam mais implícitos*, mas foram gradualmente descobertos em seu encontro com Jesus à medida que a história se desenrolava.

Ao abraçar sua própria vulnerabilidade, Jesus levou a mulher samaritana a uma caminhada de uma nova descoberta de seus desejos mais profundos e reais. Ela se tornou capaz de reconhecer o Messias tão esperado e foi energizada para compartilhar sua nova experiência com os outros. Na interpretação de Walter Bruggeman da missão de Cristo, este encontro destaca uma abordagem principal do ministério de Jesus, *'a crítica radical é sobre o vazio da auto-doação, sobre o domínio através da perda de domínio, e sobre a plenitude que vem apenas pelo esvaziamento de si mesmo'*⁸. A cena coincide com a imaginação profética de Jesus em sua solidariedade afirmativa caracterizada pelo desamparo e vulnerabilidade, especialmente com as pessoas à margem da sociedade.

Neste episódio, Jesus nos ensina mais uma vez a importância da vulnerabilidade não apenas como ideal para a vida espiritual, mas também como ferramenta para a missão. Como missionários, à medida que cruzamos as fronteiras de países, culturas e idiomas, nos tornamos mais conscientes da luz e das sombras de nossas próprias culturas e das dos outros. Somos todos vulneráveis diante de uma história humana que nos classifica como vítimas e vilões, oprimidos e opressores, ricos e pobres, civilizados e incivilizados, etc. Como missionários, somos chamados a construir a comunhão nesta diversidade abraçando sua beleza e fragilidade. Ao concluir esta reflexão, desafio a mim mesmo e a cada um de nós a abraçar nossa própria vulnerabilidade. Minha própria vulnerabilidade como mulher dentro de uma sociedade e Igreja patriarcais, uma africana em um mundo de disputas de poder global, uma religiosa em um mundo de crescente indiferença e intolerância religiosa, uma missionária em um mundo xenófobo e um apelo à periferia em um mundo onde apenas o centro importa. Isso para mim é abraçar a vulnerabilidade a partir de cima e a partir de baixo.

⁸Walter Brueggemann, *The Prophetic Imagination* (Second Edition), Fortress Press, 2001, 151 pages.

Referências

- Adichie, Chimamanda Ngozi, The Danger of a Single Story: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=enAlejandro Bermudez, Denver Newsroom, Dec 30, 2021 - catholicnewsagency.com/news/249997/vatican-agency-reveals-number-of-missionaries-murdered-around-the-world-during-2021
- Baur, John, 2000 Years of Christianity in Africa: An African History, Nairobi 2009.
- Falola Anne; *The New Springtime of Mission - Mission Today from an African Perspective*, Abuja. 2010
- FRANCISCO, 2013: APOSTOLIC EXHORTATION, EVANGELII GAUDIUM
- Ioannes Paulus PP. II, *Redemptoris Missio* - On the permanent validity of the Church's missionary mandate,/Sobre a validade permanente do mandato missionário da Igreja, 1990.12.07, No 64.
- Walter Brueggemann, *The Prophetic Imagination* (Second Edition), Fortress Press, 2001, 151 pages.